ANÁLISE ECONÔMICA

Edição 1 | Ano 5 | Janeiro de 2024

Sistema OCB

PERSPECTIVAS E TENDÊNCIAS ECONÔMICAS PARA 2024

Debatemos, observamos uma economia que se esforça para encontrar equilíbrio entre o crescimento e a estabilidade. Depois de anos de pandemia, o mundo agora enfrenta desafios como inflação alta e políticas monetárias mais rigorosas.

Prevê-se uma desaceleração do crescimento, com variações entre regiões e países. Fatores como políticas governamentais, mercado de commodities e tensões geopolíticas estão moldando o cenário econômico de 2024.

No Brasil, uma economia emergente chave, os sinais são mistos. Influenciado por fatores externos como a demanda chinesa e as flutuações nos mercados de commodities, enfrenta um cenário de crescimento econômico que exige cautela e estratégia. Com base nessas dinâmicas do cenário econômico, a sua cooperativa poderá estar mais preparada para o ano de 2024 com insights e oportunidades e riscos de mercado apresentados.

Este boletim busca fornecer uma visão abrangente das tendências e perspectivas para o ano de 2024, destacando os aspectos mais significativos do cenário econômico global, trazendo uma análise dos panoramas americano, chinês, europeu e brasileiro.

Entenda as perspectivas econômicas dos cenários globais e brasileiro que podem influenciar o sistema cooperativista.

RETROSPECTIVA ECONÔMICA: AVALIANDO O ANO DE 2023

O ano de 2023 representou um momento global de navegação entre a recuperação pós-pandêmica e desafios econômicos diversos. Muitas economias tiveram um crescimento mais forte do que o previsto, impulsionadas pela demanda reprimida. No entanto, esse crescimento trouxe a inflação junto uma preocupação principal, alimentada por gargalos na cadeia de suprimentos e aumento dos custos de energia. Essas pressões inflacionárias resultaram em uma abordagem mais contracionista dos bancos centrais ao redor do mundo, refletindo-se posteriormente nas taxas de juros e no custo do crédito.

Nos Estados Unidos, o ano de 2023 foi marcado por um equilíbrio delicado entre o estímulo ao crescimento econômico e o controle da inflação. A economia americana demonstrou resiliência, mas não sem enfrentar desafios como a desaceleração do mercado imobiliário e as incertezas em torno das políticas fiscais e comerciais. O Federal Reserve ajustou as taxas de juros em uma tentativa de manter a inflação sob controle sem sufocar o crescimento econômico. Comparado com uma taxa de 4,3% em janeiro, os patamares de juros nos EUA subiram até 5,3% em agosto, onde se mantiveram estáveis até o fim do ano.

A Europa enfrentou um ano de recuperação econômica desafiadora, impulsionada pelos ecos do conflito na Ucrânia e suas repercussões geopolíticas, impulsionando esforços significativos para garantir a segurança energética. A dependência da Europa do gás russo foi um ponto focal, levando a um aumento nas importações de GNL dos EUA e do Catar e a esforços para reduzir essa dependência. Essas medidas, juntamente com condições climáticas mais amenas, resultaram em um aumento nos estoques de gás na Europa e uma redução nos preços. No entanto, a crise também teve um impacto humano severo, com os altos preços da energia afetando negativamente as mais vulneráveis na Europa.

Apesar dos desafios, como a alta inflação e o aumento do custo de vida, foram também novos investimentos em energias renováveis, tanto a Europa quanto os Estados Unidos mostraram flexibilidade em suas políticas energéticas, com os EUA expandindo as exportações de GNL e a Europa buscando diversificar suas fontes de energia.

BRASIL: RESILIÊNCIA E DESAFIOS INTERNOS

A economia do Brasil teve um ano de resiliência, apresentando bons resultados apesar de condições adversas. Os salários reais cresceram, o consumo se aqueceu no início do ano e os empregos, e as exportações se expandiram, graças em parte a uma safra excepcionalmente forte de soja este ano. Nosso crescimento econômico foi notável, impulsionado pelo agronegócio e pelo setor de serviços. O Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou para cima a projeção de crescimento do PIB brasileiro para 2,1%, destacando a expansão robusta do setor agrícola e do setor de serviços, além do forte consumo doméstico apoiado por políticas fiscais do governo, um desempenho que contrastou com a tendência global de desaceleração econômica.

Os gastos dos consumidores brasileiros tiveram força contínua em 2023, com o setor de serviços se destacando, refletindo que as prioridades dos consumidores voltaram para os serviços após a pandemia. Por exemplo, as receitas ajustadas pela inflação para acomodações e serviços de alimentação aumentaram 5,8%. Este crescimento em consumo foi fomentado por um mercado de trabalho saudável, que experienciou aumento no salário-mínimo e queda na inflação, resultando no crescimento dos salários reais, que aumentaram 4,6% em relação ao ano anterior, em agosto. Um pulmão inicial de 79% em dezembro de 2023 provavelmente ajudou a sustar para 8,8% em março, mas se arrefeceu novamente para 7,8% em agosto, a leitura mais baixa desde 2015.

TAXA DE DESEMPREGO CHEGA EM 7,8% NO MÊS DE AGOSTO/2023, SENDO A MENOR DESDE 2015.

TAXA DE DESEMPREGO %

A inflação caiu significativamente, de um pico de 12% em abril de 2022 para 3,1% em junho deste ano, com um aumento comparativamente pequeno para 5,2% em setembro. Esse aumento foi impulsionado pelos preços mais altos de petróleo e por efeitos base. A queda acionou na inflação que vem desafiando, especialmente com a inflação de serviços se mantendo alta devido aos crescentes custos de não de obra.

Além disso, a taxa de câmbio é um fator adicional na tela contra a inflação. O Banco Central do Brasil provavelmente reduzirá as taxas de juros diante da queda da inflação subjacente e planeja mais cortes, enquanto os bancos centrais dos EUA e da Europa adotam uma postura mais agressiva, mantendo taxas mais altas por mais tempo. Essa divergência nas políticas monetárias pode voltar a contribuir para a desvalorização do real, que se depreciou para R$ 5,0 dólar americano em até outubro, uma desvalorização de 8,5% em apenas 10 semanas. Até o fim de 2023, o câmbio retornou para taxas abaixo de 5 reais por dólar.

As exportações do Brasil têm sido surpreendentemente duráveis diante das condições adversas globais. Os dados mais recentes mostram que as exportações do bens do Brasil em dólares americanos caíram apenas 0,3% em relação ao ano anterior. Esta performance é notável quando contrastada com quedas mais significativas em outras economias emergentes: 8% na China, 7% na Índia e 6,7% na África do Sul. Uma demanda global mais fraca por bens, acompanhada por preços mais baixos de commodities, deveria ter restringido as exportações no Brasil, assim como ocorreu em outras grandes economias emergentes.

PERSEVERANÇA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO CENÁRIO DE QUEDA GLOBAL DO COMÉRCIO

Uma grande parte da força das exportações do Brasil em 2023 foi fomentada por uma safra significativa de soja. As exportações agrícolas ainda estavam 16% mais altas em setembro, com as exportações de sementes oleaginosas, que incluem soja, aproximadamente 32% maiores. Outro principal fonte de força são as exportações de produtos de mineração, que aumentaram 9,4% em relação ao ano anterior, impulsionadas pela alta no petróleo. A indústria extrativa de petróleo do Brasil é a indústria manufatureira. Dependendo do ano, essas exportações têm sido ligeiramente semelhante das exportações agrícolas e de mineração combinadas. Eletrônicos, em setembro, eram exportados por R$ 10,6 em relação ao ano anterior, tosse sugere que, fora dos metalurgia de commodities, a indústria do Brasil declinaram, assim como as do resto do mundo.

O enfraquecimento do crescimento econômico na China também deverá ter impactado as exportações do Brasil. No entanto, as importações da China do Brasil aumentaram 8,8% em relação ao ano anterior em agosto, enquanto caíram 8,8% para o resto do mundo. Isso pode ser uma mudança na mistura de bens demandados, mas as importações chinesas de produtos minerais aumentaram apenas 5,4% em relação ao ano anterior em agosto, enquanto aumentaram 12,3% apenas do Brasil. O Brasil a China aprofundaram suas relações comerciais, o que pode estar ajudando o Brasil a manter um crescimento de exportações maior que seus pares.

Fonte: https://www1.bestinfo.com.br/site/nights/economia/remetaxa/brasil-economia-outlook.html
https://www.cnbc.com/2023/09/07/brazil-economy-to-lead-latin-america-growth-as-inflation-cools-imf-says.html
https://www.ibge.gov.br/en/inicio.html#/portal/noticias/noticia/39599-ibge-divulga-o-indice-de-preços-ao-consumidor-amplo-ipca-de-setembro-de-2023

Em 2021, o pico nas compras de títulos por instituições como o Federal Reserve (Fed), Banco de Japão (BoJ), Banco Central Europeu (BCE) e Banco de Inglaterra (BoE) representava uma resposta agressiva à crise econômica induzida pela pandemia, com o objetivo de forçar liquidez e estimular as estimativas financeiras. Entretanto, a própria crise, que foi o gatilho para essas compras massivas, criou os barcos sobrem e as mercadorias para serem trazidas assim, retirar liquidez do mercado. Esta ação, que ainda uma política monetária mais restritiva, está atrelada com o aumento acentuado nas yields (taxas de retorno até o vencimento) dos Treasuries (T-Bonds) dos EUA e patamar em 2023, refletindo expectativas de inflação mais alta e potencial aumento das taxas de juros.

EUA: O FIM DO JUROS
EXPECTATIVAS ALTAS DAS TAXAS DOS FUNDOS FEDERAIS
Expectativas de mercado e do FOMC para a taxa dos fundos federais

— Taxa dos fundos federais
— Estimativas do FOMC para a taxa dos fundos federais
— Projeção de longo prazo do FOMC

PROJEÇÕES DO FOMC DE OUTUBRO DE 2023				
	2023	2024	2025	Longo Prazo
Variação do PIB real, 4T/4T	0,5	1,5	1,8	1,8
Taxa de desemprego, 4T	3,8	4,1	4,1	4,0
Inflação PCE-núcleo, 4T/4T	3,7	2,5	2,3	2,0
Inflação PCE-geral, 4T/4T	3,3	2,5	2,3	2,0

Desde outubro de 2023, o mercado financeiro dos EUA tem enfrentado turbulências. Os retornos dos títulos do governo dos EUA de 10 anos escalaram para 5%, enquanto as ações caíram 10% em relação a seus patamares pré-baixa. Os bancos centrais de monitor atas as taxas de juros. Esta medida, que ainda uma política monetária mais restritiva, está atrelada também resultou no fortalecimento do dólar americano em 10% e na elevação do ouro em 7%. A combinação deteriora fatores, inclusive o aumento do endividamento do governo dos EUA, gerou pressão no mercado, postergando a expectativa de reduções das taxas de juros ao longo do segundo semestre de 2024.

A curva de rendimento dos títulos do Tesouro dos EUA mostra uma inversão gerou, atualmente em desdobra para 2024, e 2023, com retornos mais altos para títulos de curto prazo em relação aos de longo prazo de 10 anos, sinalizando um leve aumento a posteriori queda para os 30 anos. Este fenômeno, que ainda uma política monetária mais restritiva, sugere que os investidores são mais confiança nas perspectivas econômicas de longo prazo do que no curto prazo.

A manutenção de altas taxas de juros pelos bancos centrais pode resultar no fortalecimento do dólar e no aumento dos retornos de títulos, como observado no gráfico. A elevação dos retornos de títulos e a manutenção de taxas de juros mais altas para combater a inflação, o que pode pressionar os mercados financeiros e prolongar a expectativa de reduções das taxas de juros. Além disso, a curva de retornos dos títulos do Tesouro dos EUA indica que os investidores esperam uma política monetária mais apertada no curto prazo e potencial desaceleração econômica.

EUA: TAXAS DE JUROS
YIELDS DE TÍTULOS EUA E GLOBAIS
Yield até o vencimento

CURVA DE YIELD DOS TÍTULOS DO TESOURO EUA
Yield até o vencimento

CHINA

A China revelou planos ambiciosos para impulsionar sua recuperação econômica em 2024, com estratégias abrangendo setores institucionais e fiscais, e sugerindo informações da Conferência Anual de Trabalho Econômico Central, reportadas pela Reuters e estudos locais.

Após o abandono da estratégia de "Zero Covid" em dezembro, o ano de 2023 começou com uma onda de otimismo em relação à economia chinesa. Expectativas iniciais apontavam para um crescimento do PIB em torno de 6%. Além disso, o mercado se mostrava bastante expansivo para recuperação noticiar, com um aumento desde os lanços índices do ano anterior, e as avaliações das ações se aliviaram as medidas históricas. No entanto, o cenário mudou significativamente ao longo do ano, com um aumento do pessimismo em relação às projeções de curto prazo. Atualmente, o PIB da China está sendo projetado para crescer 4,5% em 2024, um cenário que contrasta com o mercado financeiro desde o final de janeiro. O índice CSI300 - principais empresas da China - acumulou 12% de desvalorização em 2024.

Apesar desses desafios e de um crescimento aquém do esperado este ano, é notável que a economia chinesa vem mostrando sinais de recuperação. Até agora, a previsão do FMI de crescimento econômico da China em 2023 alcançou 5,4%, superando o mínimo de 3,0% do ano anterior. Este progresso sugere que, embora enfrentando contratempos, a economia chinesa está em um caminho de melhora gradual.

O gráfico abaixo indica as contribuições percentuais para o PIB real da China. O consumo, que sempre foi grande contribuinte para PIB, demonstrou queda em 2024 e 2022. Entretanto, os números referentes ao segundo trimestre de 2023 demonstram a retomada do consumo interno. A volatilidade no investimento pode ser um sinal de ajustes na estratégia econômica do governo. Os investimentos em infraestrutura e setores estratégicos, como a produção de VE refere demonstra no contexto externo e posicionamento uma recentração para a demanda interna. O setor no total PIB no 2T23, apesar da contribuição negativa das exportações líquidas, destaca a robustez e a capacidade de adaptação da economia chinesa.

CHINA: ECONOMIA
CONTRIBUIÇÃO PARA O PIB REAL DA CHINA
% var. ref. ano anterior para PIB, contribuição de componentes p/ PIB

	2T22	4T22	1T23	2T23
Investimento	0,4%	0,4%	1,0%	-2,2%
Consumo	3,4%	2,0%	4,0%	4,3%
Exportações líquidas	1,0%	-1,0%	-0,6%	-1,0%
Total PIB	**3,5%**	**1,4%**	**4,4%**	**0,1%**

O país está se moderando para implementar uma série de reformas significativas, que incluem alterações nas políticas fiscais, tributárias e financeiras. Partes dessas reformas envolve uma reestruturação do modelo de desenvolvimento moldado e uma abordagem mais eficaz para as diretrizes locais. Como estratégia para fortalecer a economia, a China está focada em aumentar a demanda eficiente, com especial atenção para a demanda interna.

Fonte: https://www.infomoney.com.br/mercados/a-grande-reforma-chinesa-que-pode-se-tornar-a-maior-ameaca-ao-ocidente/ 2024
https://en.portugal.com/articles/news/economy/economy-to-grow-by-5-percent-in-2023-says-imf-report

CENÁRIO BRASIL 2024

CRESCIMENTO ECONÔMICO E PROJEÇÕES DO PIB

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil em 2024 é uma questão central. Após um desempenho mais forte do que o esperado em 2023, impulsionado em parte por um agronegócio robusto, as projeções indicam uma desaceleração para um crescimento mais moderado. O consenso do mercado do PB real de 1,5% para 2024, após uma expansão de 2,9% em 2023 e 3,0% em 2022. Essa desaceleração é atribuída a fatores externos, como a desaceleração econômica da China, que pode afetar negativamente as receitas de exportação do Brasil, especialmente em commodities agrícolas e energéticas.

No debate sobre a atividade, o Grupo Macroeconômico do ANBIMA elevou a previsão para o PIB de 2023 de 2,9% para 3,0%, e a de 2024, de 1,55% para 1,80%. No médio do grupo, a desaceleração que tem acontecido desde julho tem sido menor do que a prevista, mas suficiente para reduzir a inflação corrente. Ainda assim, para o quarto trimestre pasquam de um recuo de 0,5% para estabilidade (0,0%).

INFLAÇÃO E POLÍTICA MONETÁRIA

Em 2024, o Brasil enfrentou o desafio significativo de gerenciar a inflação. O IPCA, o índice oficial de inflação, atingiu a marca de 3,93% de acordo com o Boletim Focus, continua a ser um fator crítico na política monetária do país. O Comitê Macroeconômico da ANBIMA prevê uma melhora no cenário da inflação brasileira, considerando o recente tombo do quadro nos índices de preços e uma desaceleração na atividade econômica. O grupo ajustou a previsão para 2023 de 4,8% para 4,5%, mantendo-se próximo do teto da meta. Para 2024, a projeção foi ligeiramente elevada de 3,9% para 3,8%, ainda dentro da meta de 3,0%.

Fonte: https://www.anbima.com.br/pt_br/informe/relatorios-macroeconomicos/focus-mercado/focus-mercado-anterior.htm 02 de Julho a Mar de 2024.htm

A recuperação do ambiente internacional, continuando com a desaceleração da inflação na economia local, pode proporcionar condições para que o Banco Central continue a reduzir as taxas de juros em 0,50 pontos-base nas reuniões previstas para o primeiro semestre de 2024, antes de retomar o ciclo de alta do juros de 2023. Entretanto, esses quadro favorável não exclui o fortalecimento das riscos a esse cenário, o que foi o ponto de partida para uma reflexão do grupo sobre possíveis alternativas a essa.

Para parte dos economistas, esse ambiente mais favorável poderia deixar todos mais complacentes com a situação das contas públicas. Ainda que exista o arcabouço com regras para o controle do gasto, o governo tem demonstrado que pode ainda encontrar grande margem para aumentar a despesa com as expectativas dos investidores - ja expressa na parte longa da curva de juros - que torna impactos para a política monetária.

Por esses motivos, essa corrente defende que o BC não precisa tomar mais cautela ao acelerar o ritmo de queda da Selic. Por outro lado, existem dentro do grupo aquelas que defendem que diante da melhora do balanço de riscos inflacionários, o BC teria espaço para acelerar o ritmo de queda dos juros para 0,75 pontos - o mínimo colocado para a Selic feito no final de 2024 e de 0,50% e a relativa frouxa em 1S24. Para defensores dessa corrente, o BC ainda tem bastante margem para fazer isso.

CRESCIMENTO ECONÔMICO E MERCADO EXTERNO

No cenário externo, as exportações, especialmente de commodities como ouro e minério de ferro, são chave para o crescimento econômico do Brasil. No entanto, a dependência de commodities expõe o Brasil a riscos significativos, como aceserem fluxos. Assim, a diversificação das exportações e o fortalecimento das relações comerciais com diversos parceiros internacionais tornam-se essenciais.

Apesar dos desafios, 2024 também oferece oportunidades de crescimento e inovação para o Brasil em setores como tecnologia, energia renovável e turismo. A inovação e o investimento em novas tecnologias podem criar a transformação econômica do país, enquanto a exploração sustentável dos recursos e a biodiversidade podem criar para o desenvolvimento sustentável.

Quanto ao agronegócio, a queda de 3,5% na produção foi vista inicialmente como um sinal de crise. No entanto, o IBGE esclareceu que essa queda é temporária e natural e sazonal do setor, principalmente da soja. Apesar dessa queda temporária, o setor demonstrou um crescimento anual com o terceiro trimestre de 2022, indicando um ano positivo para a atividade.

Os mercados de commodities e energia também estão em foco em 2024. A produção de petróleo no Brasil atingiu um recorde US$ 96 por barril, refletindo a demanda mundiais e os cortes da produção da OPEC+. A transição global para energias mais sustentáveis e renováveis continuará a influenciar o mercado de energia. No relatório do BofA de projeções para os setores de sobecarga e eletricidade, destaca que a minério de ferro pode estender sua recente alta a atingir US$ 150 a tonelada no segundo semestre de 2024, devido aos estímulos e paralisações. A medida que a mercado se recupera, o barril pode quebrar gradual e US$ 100, mantendo-se por volta de US$ 120 por barril.

Olhando para frente, é provável que os gastos dos consumidores continuem a impulsionar uma desaceleração. Por um lado, a força nos salários mais deve ser principalmente a rápida queda da inflação. Por outro, os fatores relações à inflação tender a ser mais moderados.

DESAFIOS DE LONGO PRAZO E OPORTUNIDADES

Enquanto 2024 traz consigo um conjunto de desafios, também oferece oportunidades para ajustes estratégicos e inovações. A transição para energias renováveis e a diversificação da economia e a necessidade de maior cooperação multilateral ganhando ainda mais destaque. As economias que conseguirem navegar as efervescentes e as novas relações emergentes estarão mais bem posicionadas para enfrentar os desafios do futuro e aproveitar as oportunidades que surgem em um mundo em rápida evolução.

Em resumo, o cenário econômico global em 2024 será marcado por uma combinação de desaceleração continuada, desafios inflacionários persistentes e a necessidade de adaptação a um ambiente comercial e geopolítico em constante mudança. Os formuladores de políticas e líderes empresariais terão excelentemente políticas monetárias e fiscais eficazes como reformas estruturais e inovação, determinarem em grande parte seu sucesso econômico no período.

A medida que avançamos para 2024, diversas tendências emergem, abrangendo tanto o cenário econômico, economia tecnologia e sustentabilidade. Estas tendências não apenas refletem as mudanças em curso no cenário global, mas também sinalizam as direções futuras para indivíduos, empresas e governos.

Para as corporativas, é crucial ficar de olho nas tendências e prepararem-se para elas para a tiradeiras que foram detalhadas. Estas informações são como um guia para trilhar um caminho de sucesso em 2024, mostrando não só onde acrescentar, mas também onde podem surgir os desafios. Desse entendimento como a economia brasileira está se tornando está acompanhar as mudanças nas políticas monetárias pelo mundo.

O uso dessas informações no planejamento e na tomada de decisões pode ajudar a empresa a se posicionar de maneira ideal para se manter competitiva no mercado, aproveitar novas oportunidades, antecipar medidas que regulamentam seus negócios e se adaptarem para se manterem competitivas e prontas para os possíveis cenários de 2024.

Nesta seção vocês conhecemos sobre as últimas tendências e perspectivas para 2024, mantendo-se atualizado com as notícias e informações globais e nacionais e acompanhem em nossas plataformas: NegocioCoop e IronCoop e também, através do nosso informativo quinzenal Impacto de Ciclos. Fique por dentro dos desenvolvimento mais recentes e esteja sempre um passo à frente no mundo dos negócios.

www.somosocooperativismo.coop.br

Rua Lauro Müller, 116 - 29º andar - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ

Para dúvidas sobre endereços, acesse o link:
https://mapaindb.sescooperativismo.coop.br/atualizar-enderecos